

**REDE DE AFETOS**

O IRMÃO, O PAI, A MÃE E A MULHER FORAM OS SUPORTES DA SOBREVIVÊNCIA DE ANDRÉ BEK, UM CASO ÚNICO DE RECETOR DE QUATRO TRANSPLANTES RENAIIS COM ÓRGÃOS DE DADORES VIVOS



MARRTJE GEELS

rim do seu irmão, em 1985. Tudo parecia bem, mas quatro anos mais tarde a doença volta a manifestar-se. Desta vez, cabe ao pai de André ser o dador de outro rim. Novo intervalo de cinco anos, e em 1994 é a vez da mãe. A paz dura dez anos, até que, em 2004, André tem de aceitar a oferta de José. Em 20 anos, André Bek recebeu quatro novos rins. Sobreviveu a quatro transplantes e transformou-se num caso de estudo.

“O meu irmão, o meu pai, a minha mãe e a minha companheira doaram-me os seus rins porque tinham mais preocupações com a minha saúde do que com a deles próprios. Eu estava seriamente doente e eles eram saudáveis. Estavam aptos a fazê-lo, mental e fisicamente”, explica André Bek ao Expresso. A



André sublinha que “quando alguém que se ama necessita de um órgão há que recordar: mais se dá, mais se recebe”

maior dificuldade, diz, foi convencer-se a ele mesmo: “Como recetor, sentia-me culpado pela situação. Não aceitava que os meus entes queridos ficassem em risco devido ao meu problema.” Com José, o caso foi mais complicado. “Foi necessário que ela usasse violência verbal”, afirma André. Mas José não se dava por vencida: “Sofremos em conjunto, e se podes fazer algo para resolver o problema e não aceitas estás a ser egoísta.”

Passar por estas experiências fez de André, José e das suas famílias “pessoas mais atentas ao lado menos óbvio da vida, à precisidade do tempo, à profundidade do amor e ao que realmente interessa”.

**Vida nova.** “Desde o quarto transplante não me sinto um paciente”, faz questão de sublinhar André quando questionado sobre os cuidados que tem de seguir para se manter saudável. Diz que os seus valores nas análises de sangue são “perfeitamente normais” e que vive “sem restrições”. Trabalha a tempo inteiro e faz muito exercício físico.

Montanhismo e mergulho são as atividades que lhe dão mais prazer. Sempre com José. Todas as sextas-feiras dançam salsa até horas tardias da noite, “para celebrar a vida”. Come e bebe o que quer. O seu sistema imunitário está a zeros depois de tanta medicação para combater a rejeição aos órgãos recebidos e, como precaução, a cada três meses vai ao hospital verificar se tudo está bem. O mesmo se passará com os seus dadores. André explica que, com exceção do pai, que faleceu em março, de cancro, aos 80 anos, todos estão bem de saúde. Não ficaram presos a qualquer tipo de medicação e apenas fazem um exame geral uma vez ao ano.

**A arte de aceitar.** A vida hoje parece estabilizada. José Rutten é gestora de Recursos Humanos de uma grande empresa e André Bek gere um ginásio. Vivem em Roterdão. Em 2007, André publicou um livro contando a sua história: são 240 páginas de dor, angústia e esperança. Ele sabe que a doença pode voltar, mas o casal não perde tempo a pensar em tal possibilidade. “Aprendi a viver sob esta ameaça. Mas ninguém tem certeza do que nos espera no futuro”, afirma André. E deixa um testemunho de resistência: “Tento aproveitar todos os dias com os seres que amo. É uma estratégia que tem funcionado bem. Chamo a isso a arte de aceitar o que aconteceu e, ao mesmo tempo, não aceitar que a vida é controlada.